

JUCÁ LAMBISCA

Francisco Cândido Xavier / Waldo Vieira / Casimiro Cunha



Oração da Criança

"Amigos.

Ajude-me agora, para que eu te auxilie depois. Não me relegues ao esquecimento, nem me condenes à ignorância e a crueldade. Venho ao encontro do tua aspiração, de teu convívio e de tua obra.

Em tua companhia, estou na condição da argila nas mãos do oleiro.

Hoje sou sementeira fragilidade, promessa...

Amanhã, porém serei tua própria realização.

Corrige-me, com amor enquanto a sombra do erro envolver-me o caminho, para que a confiança não me abandone.

Proteja-me contra o mal.

Ensina-me a descobrir o bem.

Não me afastes de Deus, e estimula-me a conservar o amor e o respeito que devo as pessoas, aos animais, e as coisas que nos

cercam. Não me negues a tua boa vontade, teu carinho e tua paciência. Tenho tanta necessidade do teu coração, quanto a plantinha tenra precisa da água, para viver e prosperar.

Dá-me tua bondade e dar-te-ei a cooperação. De ti depende que eu seja pior ou melhor amanhã." (Emmanuel)

JUCÁ LAMBISCA



Meus filhos, não somos peixes.
E a comida não é isca.
Leiamos juntos a estória.
Do pobre Jucá Lambisca.

Rabugento e malcriado.
Esperto como faísca.
Era um menino guloso.
O nosso Jucá Lambisca.

Toda hora na dispensa.
Pé macio e mão ligeira.
O maroto parecia...
Um rato na prateleira.



No instante das refeições...
Afligindo os próprios pais...
Ele comia depressa.
Repetindo: Quero mais!

Gritava: Quero mais peixe.
Quero mais leite e mais pão.
Quero mais sopa no prato.
Mais arroz e mais feijão.

Dona Nicota falava...
Ao vê-lo sobre o pudim...
- Meu filho, escute:
Você não deve comer assim!



Mas o Jucá respondão...
Gritava, erguendo a colher:
- A senhora nada sabe...
- Eu como quanto quiser.

Na escola, Jucá furtava:
Pastéis, bananas, pepinos.
Tomando a força a merenda;
Das mãos dos outros meninos.



Gabriela, companheira
da cozinha e do quintal!
Falava triste: - Ah! meu Jucá,
a sua vida vai mal.

A vida de nosso Jucá...
Era comer e comer.
Mas foi ficando pesado
E a barriguinha a crescer.

A vida de nosso Jucá...
Era comer e comer.
Mas foi ficando pesado.
E a barriguinha a crescer.

Gabriela a companheira...
Da cozinha e do quintal...
Falava triste: - Ah! meu Jucá;
A sua vida vai mal.



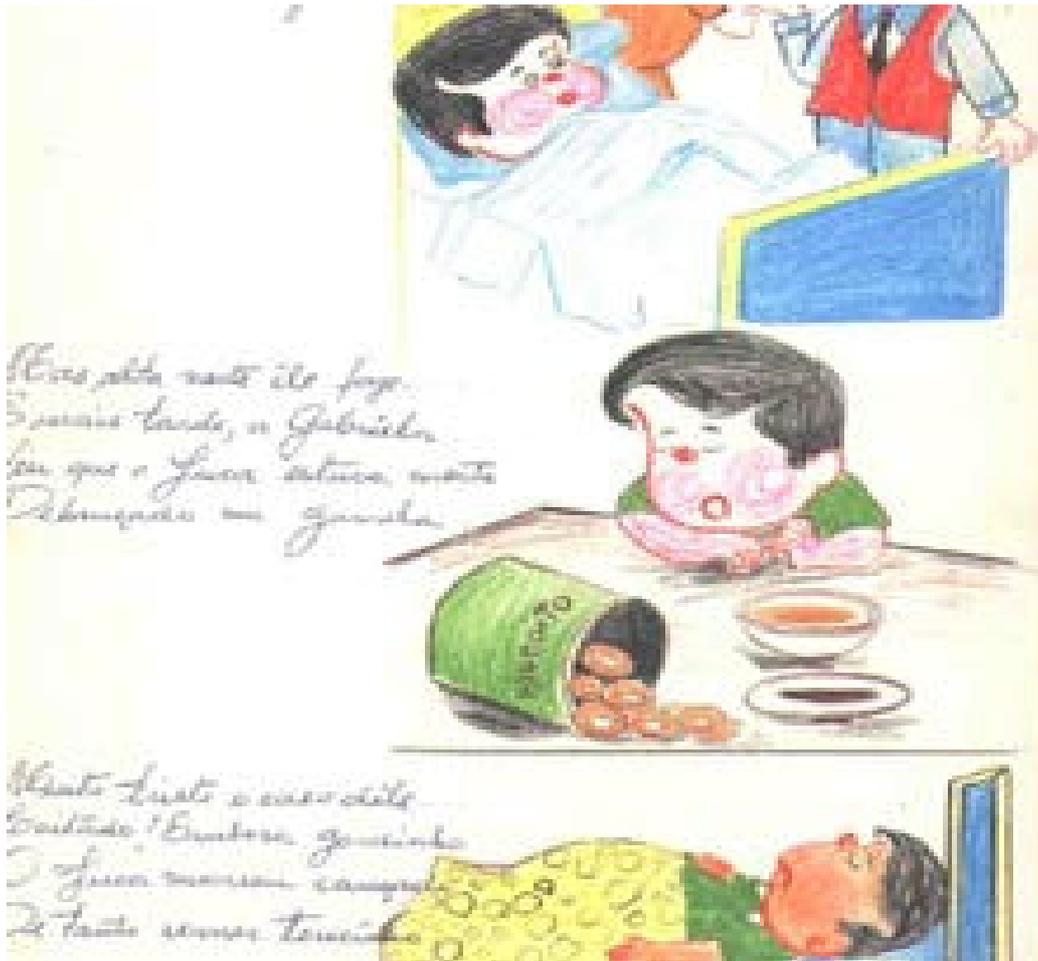
Não valiam bons conselhos,
Do papai ou da vovó.
Fugia de todo estudo...
Queria a panela só...

Espíritos benfeitores...
No Lar em prece, ao seu lado...
Preveniam caridosos
- Meu filho tenha cuidado.



Mas depois das orações...
O nosso Jucá sem fé...
Comia restos do prato...
Na terrina e no cuité.

A todo instante aumentava...
A grande comedoria.
Sujava a cozinha e copa...
Procurando papa fria.



Um dia caiu doente...
E o doutor João do sobrado;
Receitou: Este garoto;
Precisa comer regrado.

Mas alta noite ele foge...
E mais tarde a Gabriela...
Viu que o Jucá estava morto;
Debruçado na gamela*.

Muito triste o caso dele.
Citado! Embora gordinho...
O Jucá morreu cansado.
De tanto comer toucinho.

Gamela é uma vasilha com a forma de uma tigela ou bacia, esculpida em madeira retirada de árvores cuja madeira é macia.



NA ESPIRITUALIDADE

Desencarnado, o Lambisca...
Na vida espiritual;
Estava do mesmo jeito...
E o barrigão tal e qual.

Acorda num campo lindo....
E agora, que não mais dorme;
Vê muita gente a sorrir.
Por vê-lo de pança enorme.



Tem a impressão de trazer;
O peso de um grande bumbo.
Quer levantar-se, porém...
A pança cai como chumbo.

E o Jucá revoltado...
Ergue os punhos pesados.
Contra tudo e contra todos.
A murros e pescoções.



Depois berra:- Esta barriga;
É grandona, mas é minha!
Eu quero comer no tacho...
Quero morar na cozinha!

Um sábio apareceu e fala:
- O Lambisca não regula...
Enlouqueceu de repente...
De tanto cair na gula.



Foi preciso, então prende-lo...
Amarrado e furioso...
O pequeno parecia;
Um cachorrinho raivoso.

Os protetores, após...
Guarda-lo em corda segura.
Oravam, dando-lhe passes...
Com bondade e com doçura.

Viu-se logo o olhar do Jucá.
Fazer-se brando, e mais brando....
O menino foi dormindo...
E a barriguinha murchando.



Os amigos decidiram...
Assim como um grande povo.
Que o Jucá afim de curar-se...
Devia nascer de novo.

Lambisca a dormir, coitado.
Ele tão forte e mandão...
Renasceu muito pequeno.
Um simples bebê chorão.

E para esquecer a gula...
Cresceu doente e magrinho.
Só bebia caldo leve.
Sem feijão e sem toucinho.

Fim.

Acervo Virtual Espírita